

INTERAÇÃO EDUCADORA E CRIANÇA NO MOMENTO DO BANHO: CONTRIBUINDO COM O DESENVOLVIMENTO DE FORMA MAIS AMPLA

Elaine Cristina da Silva¹
Andrêsa Helena de Lima²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo evidenciar a importância de intencionalidade por parte da educadora na hora do banho, no sentido de considerar a relevância desse momento para a criança, mais especificamente, na faixa etária de zero a dois anos. Busca-se, por meio de pesquisa bibliográfica, levantar aspectos relevantes a respeito do tema, a fim de relacionar os aspectos positivos da interação educadora-criança, considerando-se a importância de empenho em transcender o mecanicismo muitas vezes característico desse momento, propiciando à criança se tornar, cada vez mais, participante ativo no seu processo de desenvolvimento. Como referencial teórico fundamentou-se em Carvalho (2003), Araújo (2017), Albuquerque e Oliveira (2018), dentre outros, além de considerações de Emmi Pikler, uma pediatra austríaca, referência mundial em atenção educativa e cuidados para profissionais que trabalham com crianças de zero a três anos. Tenciona-se, que o momento do banho seja considerado em sua relevância, por educadoras e por todos.

Palavras-chave: Banho. Educadora. Criança. Desenvolvimento. Educação Infantil.

1. Introdução

Crianças nos encantam, isso é fato, porém, chama atenção a necessidade de não só tomá-las para si e atender suas necessidades físicas, mas aproveitar os momentos de contato com elas para prestar realmente atenção. É muito importante, considerar que são seres humanos em formação e que, muitas vezes, querem mais do que o contato físico voltado a atender somente suas necessidades de higiene, por exemplo. Necessitam de um cuidar envolto pelo educar, pelo interagir, pelo considerar a criança, com todo o carinho que esse contato pede e pode propiciar, garantindo uma relação harmônica e agradável, tanto para a criança, quanto para o adulto responsável por seus cuidados.

Partindo do exposto, o presente estudo tem como objetivo evidenciar a importância de intencionalidade por parte da educadora na hora do banho, no sentido de considerar a

¹ Graduanda do curso de Pedagogia pela Universidade Federal de Lavras – UFLA, e-mail: elainecsilba26@gmail.com

² Professora de História, Especialista e Mestra em Educação (UFLA).

relevância desse momento para a criança, mais especificamente, na faixa etária de zero a dois anos, considerados, conforme a denominação dada pela Base Nacional Comum Curricular (2017), bebês, de zero a um ano e seis meses e crianças bem pequenas, aquelas de um ano e sete meses a três anos e onze meses.

De forma mais específica, intenciona-se analisar a relação indissociável entre o cuidar e o educar, assim como, as possibilidades de envolvimento, desenvolvimento e aprendizado da criança no momento do banho, considerando-se a importância de empenho da educadora, na busca de alternativas que possam enriquecer esse momento, criando um vínculo de troca com a criança que está tomando o banho.

A escolha do tema partiu da observação das aulas e atividades do curso de Pedagogia, além do contato direto com essa faixa etária, por meio do trabalho como monitora de creche desde o ano de 2011, sendo possível evidenciar na prática diária de atuação, o fato de não haver como educar sem cuidar, tanto quanto, cuidar sem educar. Uma educação baseada nesses preceitos desperta a curiosidade e o interesse pelo assunto, em especial, o potencial de aprendizado pelas crianças em todos os espaços e tempos do ambiente escolar, inclusive nos momentos de cuidados com a higiene corporal.

Como metodologia escolhida, a Pesquisa Bibliográfica de autores que abordam o tema, que segundo Gil (2002, p. 44), é “desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”, buscando reunir dados que possam embasar a pesquisa, como a possibilidade de oferecer resultados que possam vir a contribuir com a evidência da importância de se pensar o momento do banho de forma mais ampla, com reconhecimento das possibilidades que pode oferecer. Além disso, auxilia na busca por resultados positivos para a criança, que tem nesse momento, a possibilidade para se desenvolver, se divertir e aprender, para além do mecanicismo que muitas vezes pode ser evidenciado, tanto na instituição escolar quanto no familiar.

Desse modo, considerando a Educação Infantil como uma etapa da Educação Básica que busca garantir uma educação de forma integral, desde a inserção da criança na escola, se faz relevante que a importância do cuidar seja considerada, mas que esta, não sendo possível se desvincular do educar, tenha finalidades bem definidas e relacionadas com aprendizados, experiências significativas, confiança e entrega. No caso do banho, que esse momento represente para as crianças, em especial aquelas da faixa etária especificada anteriormente,

um complemento para o seu crescimento, um agradável momento e não apenas mais um item da rotina diária sendo cumprida somente com o propósito de limpeza do corpo, de higiene.

2. Educação Infantil: uma reflexão a partir da legislação

Com vistas à afirmação dos direitos das crianças, dentre os quais o direito à educação, a Constituição Federativa do Brasil de 1988 (CF88), no seu Artigo 227 delimita que

É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança, ao adolescente e ao jovem, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão (BRASIL, 1988, s/p).

De forma mais específica, o Artigo 208 da referida lei, a respeito das garantias enfatiza que “o dever do Estado com a educação será efetivado mediante a garantia de: IV - educação infantil, em creche e pré-escola, às crianças até 5 (cinco) anos de idade” (BRASIL, 1988, s/p).

Afirmando o exposto na CF88, o Estatuto da Criança e Adolescente Lei n. 8.069 de 13 de julho de 1990, também estabelece no Artigo 54, inciso IV que “o atendimento em creche e pré-escola é destinado às crianças de 0 a 5 anos de idade”.

Com a nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9394/96), a Educação Infantil, tornou-se uma etapa da educação básica, a primeira, seguida do Ensino Fundamental e Médio. A Lei 9394/96 estabelece ainda, as finalidades da Educação Infantil e como esta será ofertada

Art. 29. A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade. Art. 30. A Educação Infantil será oferecida em: I - creches ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; II - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade. (BRASIL, 1996, s/p).

Corroborando e complementando o exposto na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional 9394/96, Carvalho (2003, p. 13) enfatiza que a instituição de Educação Infantil “tem

um papel socializador, propiciando o desenvolvimento integral da criança, dependendo dos cuidados físicos, afetivos, cognitivos, sociais e emocionais a ela dispensados”.

No que tange mais especificamente à creche, instituição que atende a faixa etária escolhida para trabalhar no presente artigo, Lopez e Guimarães (2016, p. 68) atentam para a importância de mencionar que “pode ser reconhecida como espaço social da experiência que potencializa as relações e construções de significação das crianças entre si”. Essas especificações podem ser complementadas com o afirmado no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI, 1998, p. 11) em que consta que “a instituição de educação infantil é um dos espaços de inserção das crianças nas relações éticas e morais que permeiam a sociedade na qual estão inseridas”.

Desse modo, é possível afirmar que, considerando o fato dos cuidados estarem sempre em relação direta com o educar, ações que permeiam todos os espaços e tempos de permanência da criança na instituição de Educação Infantil, pode-se afirmar em consonância com o exposto na Base Nacional Comum Curricular (2017) que

vem se consolidando, na Educação Infantil, a concepção que vincula educar e cuidar, entendendo o cuidado como algo indissociável do processo educativo. Nesse contexto, as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação (BNCC, 2018, p. 36)

Assim sendo, é preciso considerar a função da Educação Infantil que deve se pautar no desenvolvimento integral da criança, reconhecendo que, para esse fim, não há como haver dissociação entre ações de cuidado e de educação, pois são aspectos que contribuem positivamente com a obtenção de resultados que envolvam ambas as instâncias, inclusive nos momentos de higiene corporal, dentre os quais, o banho.

3. O momento do banho como rica possibilidade de aprendizado

É fato que para que se tenha saúde, bons hábitos de higiene devem ser introduzidos à rotina desde o nascimento. Dentre esses hábitos, enfoque para o momento do banho e a importância deste para o desenvolvimento da criança em vários âmbitos, inclusive ao ponderar sobre a sua relevância quanto a interação do adulto, no caso da instituição de Educação Infantil, da educadora com a criança, a fim de propiciar uma vivência mais significativa desse momento.

A criança vive o período da infância, primeiros anos de sua vivência e desenvolvimento. Uma fase muito importante na vida do ser humano, nesse momento, a criança começa a significar a si mesma e a todas as coisas ao seu redor, assim como socializar-se, haja vista, serem os acontecimentos dessa fase fundamentais para o seu desenvolvimento. Como afirmado por Maranhão (2010, p. 5) “as crianças aprendem a cuidar de si ao serem cuidadas”.

Partindo dessa premissa, conforme enfatizado por Carvalho (2003, p. 13-14) “é o adulto na figura do professor, quem na instituição infantil ajuda as crianças a identificar suas necessidades, priorizando-as e atendendo-as”, possibilitando que a instituição de Educação Infantil seja “ambiente social adequado a um contexto rico em interações (ações partilhadas nas relações criança-adulto, criança-criança, adulto-adulto, criança-adulto-conhecimento)”. E, pensando no contexto da creche, também a educadora tem essa possibilidade de atender todas as necessidades da criança e contribuir com o desenvolvimento desta de forma ampla, numa relação enriquecedora.

No que tange ao momento do banho, este é particularmente especial para a criança na creche e possui um potencial de interação educadora-criança, tendo em vista ser um momento em que ambos se encontram próximos, numa intrínseca possibilidade de trocas significativas para o aprendizado. Válido e importante ressaltar que, para que haja sucesso nesse momento, conforme afirmado no RCNEI (1998), é preciso reconhecer que,

a organização do banho na creche precisa prever condições materiais, como banheiras seguras e higiênicas para bebês, água limpa em temperatura confortável, sabonete, toalhas, pentes etc. É aconselhável que se leve em conta a idade das crianças, os hábitos regionais e as recomendações sanitárias de prevenção de doenças por uso de objetos pessoais entre as crianças, principalmente em vigência de infecções comunitárias. Esses objetos de uso pessoal podem ser rotulados com o nome da criança e cuidados por elas conforme vão adquirindo capacidade para isso (BRASIL, 1998, p. 58).

Sebastiani (2009, p. 93) complementa, especificando características que devem ser levadas em consideração com relação ao momento do banho no berçário e no maternal, sendo que,

no berçário, é importante que tudo possa estar organizado para garantir um contato harmonioso entre professores e bebês para evitar os sustos e choros. Assim, deve-se prever os materiais a serem utilizados, cuidar da temperatura correta da água, arrumar as roupas antecipadamente e escolher os brinquedos para entreter a criança antes, durante e após o banho. A partir do maternal, pode-se dar banhos de mangueira nas crianças, ou mesmo instalar chuveiros externos quando as condições climáticas assim permitirem. Mesmo os banhos no chuveiro podem significar uma situação muito propícia a aprendizados, como colocar e tirar roupas e calçados e ajudar uns aos outros. (SEBASTIANI, 2009, p. 93).

Daí a importância desse momento não ser uma ação meramente mecanizada, é necessário que haja um planejamento e que a individualidade de cada criança seja considerada. Conforme afirma Dagnoni (2012) é preciso que haja intencionalidade educacional e planejamento por parte do educador, a fim de propiciar não somente o cuidado, que por si só já é muito importante para a manutenção da saúde da criança, mas também momentos de aprendizado, por meio da interação entre a criança e a educadora, numa relação que aconteça de fato, num estabelecer de vínculo e compartilhamento de sentimentos e descobertas. Como afirmam Pires e Moreno (2015, p. 41659),

É além de um momento de cuidado, é de aprendizagem e construção de hábitos, onde algumas regras são trabalhadas. A organização e o planejamento devem permitir um contato individual com todas as crianças, devendo esse se transformar numa atividade lúdica e significativa. O banho é uma possibilidade de atividade permanente numa instituição de educação infantil, que auxilia a independência da criança, contribuindo para a sua autoestima (PIRES E MORENO, 2015, p. 41659).

Ao pensar o potencial de aprendizados por meio da interação educadora-criança, deve-se possibilitar, na organização dessa ação, que ela se torne uma atividade lúdica, pois quanto mais prazerosa a ação, mais a criança se envolverá e, conseqüentemente, interiorizará todo o aprendizado ofertado.

Mello e Vitória (2007, p. 125) afirmam que, transformar esse momento numa atividade lúdica, que seja aguardada com entusiasmo pelas crianças, em detrimento de ser um

momento tido de forma aversiva pela criança, torna-se uma contribuição significativa para o ideal de contribuição na formação ampla das crianças, haja vista que

o banho pode ser facilitado e enriquecido, oferecendo brinquedos, potes de diversos tamanhos, buchas variadas. Podem ser organizadas algumas brincadeiras com bolhinhas de sabão, livros de plástico, retalhos de tecido etc.". É necessário também que durante o momento do banho, o faz-de-conta esteja presente através das interações da imaginação da criança com o ambiente e objetos disponíveis. (MELLO; VITÓRIA, 2007, p. 125).

É preciso, portanto, conforme consta no RCENEI (1998, p. 58) que seja oferecido às crianças "caminhos e possibilidades de descobertas, como os materiais, que podem dar asas à imaginação". Ação que pode ser evidenciada numa prática planejada e intencional que possibilite que, como afirma Guimarães (2007, p. 121),

O banheiro se transforma em floresta, castelo encantado, piscina, quadra de esportes para competições na hora de se trocar, salão de cabeleireiro, lojas de roupas..., mas é claro que nem sempre são usados esses recursos de faz de conta. Muitas vezes o banho fica mais gostoso só com músicas, com todo mundo falando baixinho para ouvir uma história enquanto se trocam, lendo gibis, ou nos chuveiros externos durante o verão, apelidados aqui de cachoeiras. Durante a organização das atividades cabe ao educador avaliar as características do seu grupo de alunos e transformar o banho em uma atividade prazerosa (GUIMARÃES, 2007, p. 121).

Ujii e Pietrobon (2007, p. 237) complementam ao afirmar que "o momento do banho é, assim, para a criança, também oportuno para o desenvolvimento de competências e habilidades múltiplas, estruturação e reconhecimento do esquema corporal". Desse modo, tendo em vista todos os aprendizados que podem ser oferecidos no momento do banho, além do reconhecimento do próprio corpo, por meio de uma relação de confiança entre criança-educadora, é possível pensar um desenvolvimento que surtirá efeitos durante todo o processo de crescimento e independência da criança.

Com base no exposto até aqui, é possível considerar o potencial do banho enquanto rica possibilidade de aprendizado em vários âmbitos, sendo a educadora peça chave quando se pensa no sucesso desse momento.

Desse modo, passa-se a considerar de forma mais específica essas possibilidades e a postura da educadora frente a essa atividade que, assim como todas as demais relacionadas aos cuidados, inclusos na rotina da criança na instituição de Educação Infantil, devem estar

permeadas pela relação entre o cuidar e o educar. Só assim o aprendizado acontecerá, como já afirmado, em todos os espaços e tempos em que a criança se encontra na instituição de Educação Infantil, haja vista que, conforme afirmado por Maranhão (2000, p. 118) precisa haver mudança no pensamento ultrapassado de ser

o cuidado, interpretado apenas como higiene, prevenção de acidentes e oferta de nutrientes, era "acusado" de "atrapalhar" o desenvolvimento da ação pedagógica, por despender tempo dos educadores e impor uma rotina rígida, que restringia as atividades educativas aos intervalos que "sobravam". A grande dificuldade que estava por trás desse discurso e dessas "acusações" era a decorrente da falta de definição do que significava cuidar de/educar bebês e crianças pequenas, da efetiva integração entre saúde e educação, e que denunciava uma restrição nas concepções tanto de cuidado quanto de educação da criança.

O cuidar e o educar precisam ser entendidos como ações, que não se separam na prática de atuação junto às crianças na educação infantil, sendo a relação entre a criança e o adulto que dela cuida, permeada pela possibilidade de se cuidar educando e de se educar cuidando. A visão assistencialista da Educação Infantil precisa ser superada e nessa etapa, tida em sua relevância, deve haver a consideração de todos os momentos vivenciados, como ricos de cuidado e aprendizado.

3.1 Interação educadora-criança: um banho de cuidado, diversão e aprendizado

A relação criança e educadora na instituição de Educação Infantil deve ser construída de modo a se buscar a constituição de um vínculo entre ambos, uma relação permeada principalmente pela confiança e pelo afeto, atitude que poderá contribuir com a culminância do aprendizado e o desenvolvimento de forma ampla. Como enfatizado por Araújo (2017, p. 26) “a hora do banho não é tão somente um cuidado sanitário, é um momento em que a relação de afeto entre as crianças e os profissionais da creche concorre para o desenvolvimento dos pequenos”.

É muito importante que a criança aproveite o momento do banho e, mediante toda a proposta de interação que a educadora propicie, consiga desenvolver-se em vários âmbitos, se desenvolvendo e aprendendo cada vez mais. As figuras abaixo demonstram situações que

possibilitam vislumbrar a partir dos momentos ilustrados, a quantidade de ações que podem ser tomadas a fim de enriquecer o momento do banho.

Figura 1: Educadora e bebê no momento do banho



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/7325/um-banho-de-atencao>. Acesso em: 28/03/2021.

Figura 2: Um banho de interação



Fonte: <https://novaescola.org.br/conteudo/8291/lugar-de-bebe-e-fora-do-berco>. Acesso em: 28/03/2021.

É de suma importância visualizar o momento do banho como ação que vai além do “limpar e higienizar o corpo” somente. No momento do banho é possível que a educadora promova atividades que vão muito além do cuidado. Como já enfatizado no decorrer do presente trabalho, estimulando a imaginação, a interação, o desenvolvimento de forma mais abrangente, a confiança, o reconhecimento do próprio corpo, desenvolvimento da autonomia, promoção da independência, dentre tantas outras possibilidades.

Corroborando com o exposto, Fochi, et al. (2017) tratando da Pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de Emmi Pikler, uma pediatra austríaca, referência mundial em atenção educativa e cuidados para profissionais que trabalham com crianças de zero a três anos, traz algumas considerações da mesma, dentre as quais, o fato de ser durante as atividades de cuidado, que se estabelecem as bases para a construção de uma relação harmoniosa e recíproca, de reconhecimento do mundo interno e o externo, que proporciona à criança a tomada de consciência de si e do outro, construindo sua identidade e, nesse processo, tornando-se cada vez mais autônoma.

Nesse sentido, é preciso que haja na relação educador e criança que está sendo cuidada, o olhar atento, o falar e movimentar-se, como afirmam Guimarães e Arenari (2018, p. 3) “o movimento de pensar o planejamento de espaços e tempos como mobilizadores das ações das crianças”, para além das práticas autocêntricas muitas vezes tidas como únicas em muitos ambientes escolares.

Ainda segundo a abordagem desenvolvida por Emmi Pikler, disposta por Fochi, et al (2017), cabe ao adulto estabelecer uma relação de confiança e interação com o bebê durante os principais cuidados, seja no banho, na troca de fraldas ou na alimentação, como já colocado anteriormente, preparando o espaço para que o bebê possa se movimentar, cada vez mais ganhando autonomia, contribuindo assim, com seu desenvolvimento.

Como descrito nos critérios para um atendimento em creches que respeite os Direitos Fundamentais das Crianças (2009), o banho, dentre outras ações da educadora para com a criança na instituição de Educação Infantil, além de ser um direito da criança, faz parte dos hábitos que

(...) respeitam e atendem ao direito da criança de apropriar-se, por meio de experiências corporais, dos modos estabelecidos culturalmente de

alimentação e promoção de saúde, de relação com o próprio corpo e consigo mesma, mediada pelas professoras e professores, que intencionalmente planejam e cuidam da organização dessas práticas (BRASIL, 2009, p. 9 - 10).

A partir disso, a interação educadora-criança na hora do banho não pode acontecer de forma aleatória, somente como mais um item na rotina diária de cada criança. Para tanto, é preciso que haja um planejamento prévio com escolha de atividades educativas que venham a estimular e promover o desenvolvimento da criança em vários âmbitos, tornando-se uma atividade lúdica e de aprendizagem, a qual, quanto mais bem planejada e com intencionalidade positiva, além de constituir a rotina da criança, será um momento aguardado pela criança. Como enfatizado por Araújo (2017, p. 44)

A rotina do banho precisa ser planejada com vistas à preservação da referência e continuação do processo de amadurecimento, bem como a constituição/manutenção do elo afetivo entre adulto e bebê. Julga-se relevante apresentar a rotina que antecede o banho, adotada igualmente para todas as crianças; do kit individual até à finalização do banho, por identificar a existência de repetição de acontecimentos, ou seja, uma sequência de organização no que toca ao horário de realização até o fim do processo. (ARAÚJO, 2017, p. 44)

Partindo do exposto, se faz relevante e tem relação direta com o resultado positivo da interação entre educadora e criança, que o espaço destinado ao banho e todos os aparatos escolhidos para esse momento venham a contribuir para a intenção dos resultados que se espera alcançar, dentre os quais a pia ou banheira, os brinquedos ou livrinhos (emborrachados ou de plástico) que irão possibilitar que o lúdico tome forma, dentre outras possibilidades que poderão ser escolhidos pela educadora, tendo em vista, principalmente, a individualidade de cada criança que se dá o banho.

Individualidade essa que deve ser considerada pela educadora que não deve impor ações à criança, mas sim proporcioná-las, para que, no seu tempo as crianças as executem. Com exposto por Falk (2021, p. 101) citando ações realizadas no Instituto Pikler

As educadoras consideram muito importante conseguir da criança, ainda que seja pequeno, um sinal de participação durante os momentos de cuidados. Mas, ao mesmo tempo, elas são capazes de aceitar, com muita compreensão, que a criança não tenha vontade de aproveitar a possibilidade que lhe é oferecida. (FALK, 2021, p. 101)

A autora complementa ao relacionar esse tipo de atuação como contributo com o processo de formação da criança e que a educadora se torna responsável por buscar atrair a atenção da criança sempre, uma vez que, como enfatiza Falk (2021, p. 97) “a cadeia de interação interromper-se-á de quando em quando, mas as educadoras devem procurar atrair intencionalmente o olhar da criança e se esforçar por fazer ressurgir a interação”.

Partindo dessa premissa, tem-se a intenção de dar mais enfoque na importância da construção de vínculo por parte da educadora com a criança, profissional capacitada para atender as necessidades e que, aliando ações de cuidado e educação, pode ser peça-chave no desenvolvimento e manutenção da saúde das crianças que cuida.

É preciso ressaltar que a interação educadora e criança, deve sempre ser pautada no estímulo constante da busca de construção e complementação do vínculo, a fim de que a criança realmente consiga se desenvolver, pois, como afirma Araújo (2017, p. 44) “as condições de instabilidade mudam o entorno e descontinua qualquer planejamento focado no desenvolvimento das relações bilaterais”.

Nesse sentido, como já citado anteriormente, ações lúdicas com base em atividades que venham a complementar o aprendizado de forma ampla, podem ser ricas possibilidades não só na construção, mas também na manutenção do vínculo tão importante entre educadora e criança também no momento do banho, pois como afirmam Ujii e Pietrobon (2007, p. 230),

a ação lúdica como linguagem própria da criança permeia o espaço educacional e excede os momentos da “hora da brincadeira”, atividades livres e atividades planejadas pontuais, uma vez que a criança brinca quando toma banho ou come, transformando o sabonete ou os talheres em brinquedo (UJII E PIETROBON, 2007, p. 230).

O momento do banho, portanto, quando permeado pelo cuidado, mas também voltado à promoção do aprendizado e desenvolvimento da criança de forma ampla, de forma divertida, pode ser mais um momento enriquecedor no “estar” da criança na instituição de Educação Infantil, sendo aspecto relevante a ser considerado. Como afirma Araújo (2017, p. 52) a respeito da educadora, que esta deve

incentivar a participação da criança em seus cuidados pessoais, mesmo que não consiga fazê-los sozinha, é relevante para conhecer os procedimentos adotados por meio das ações e verbalizações do adulto cuidador, como ocorrido na cena citada. O resultado da incitação do adulto pode provocar

uma ação espontânea do bebê, em um atendimento futuro (ARAÚJO, 2017, p. 52).

Essa afirmação, traz importante consideração sobre a criança precisar ser também entendida como ser participante desse momento, a qual poderá se desenvolver e aprender cada vez mais construindo muitos conhecimentos, num cuidado promovido de forma interativa que pode culminar em um aprendizado mais significativo. Como citado por Mellim e Almeida (2019, p. 101) fundamentado também na abordagem de Emmi Pikler, “ao considerar a realização do trabalho com crianças, ressalta o valor da autonomia, da motricidade livre e do respeito pelo ritmo individual da criança, de modo a possibilitá-las a aprenderem no próprio ritmo natural, tornando-as mais confiantes, alegres e ativas”.

Dessa forma, é significativo que a educadora tome ciência da sua importância enquanto possibilitadora da constituição na criança da noção de poder ser um participante ativo no seu desenvolvimento, seja com relação aos cuidados físicos, dada a importância de cuidar bem do seu próprio corpo, seja do aprendizado de forma mais ampla, quando a criança realmente atua de forma ativa no seu aprendizado relacionado a si mesma e com relação ao mundo que a cerca.

Como enfatizado por Albuquerque e Oliveira (2018, p. 83)

Se o corpo fala, a fala corporifica-se e tais processos se erguem sobre a história dos vínculos que foram inscritos. Por isso, o trabalho de berçários que propiciam relações afetivas entre as educadoras e os bebês de quem elas cuidam auxilia na formação de indivíduos seguros, espontâneos e preparados para desenvolver relações pessoais íntegras com os outros. Além disso, as crianças que recebem os cuidados descritos anteriormente ampliam seu conhecimento do próprio corpo e suas noções espaciais, pois descobrem por conta própria os movimentos que podem realizar de maneira segura (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2018, p. 83).

Essa relação, que passa a ser envolta por vários sentimentos durante a construção do vínculo, torna-se essencial, quando se pensa o resultado em termos de formação do ser. No que tange ao sentimento de confiança da criança com relação à educadora, esse se faz indispensável quando se pensa os melhores resultados relacionados ao desenvolvimento, pois, conforme afirmam Albuquerque e Oliveira (2018, p. 79) “o desenvolvimento depende da segurança afetiva e da qualidade das relações instauradas não somente com os adultos, mas também com os outros bebês e com o ambiente no qual estão inseridas”.

Ao se criar esse cenário de confiança a criança passa a se sentir mais segura e, conseqüentemente, passa a se soltar mais em vários momentos, dentre eles, o banho, passando a ser cada vez mais ativa no seu processo de crescimento tanto físico como cognitivo.

Com o passar do tempo, quando há real empenho ao considerar a potencialidade de investimento no momento do banho como também um momento de aprendizado, as ações da educadora vão sendo interiorizadas pela criança, ações essas que passam pouco a pouco a serem divididas entre ambos, até que a criança consiga realizar sozinha, num vislumbrar um avanço de ações (ALBUQUERQUE; OLIVEIRA, 2018)

Maranhão (2000, p. 118) afirma que

o cuidado, embora seja muitas vezes efetivado por procedimentos com o corpo e com o ambiente físico, expressa intenções, sentimentos, significados, de acordo com o contexto sociocultural. O cuidado tem muitos sentidos, e, dependendo do sentido que se atribui ao ato de cuidar e a sua finalidade, podemos enfatizar alguns aspectos do desenvolvimento humano em detrimento de outros (MARANHÃO, 2000, p. 118).

Tardos e Szanto (2011) com base nas orientações de Emmi Pikler enfatiza ser relevante atentar para algumas regras simples a serem seguidas pela educadora para tornar esse momento mais agradável para ambos, não sendo o bebê tido como um objeto, mas um participante daquilo que está acontecendo com ele, dentre as quais:

- Nunca pegar a criança inesperadamente em seus braços, mas chamá-la olhando nos olhos, com carinho, comunicando o que está fazendo e porque está fazendo, mantendo diálogo com a criança, independentemente de seu tempo de vida.
- Os movimentos nunca devem ser excessivamente precipitados. Com calma e com carinho se prepara o bebê para o que irá acontecer.
- Falar com o bebê para prepará-lo para o que vai acontecer, descrevendo toda a ação necessária para o cuidado que está sendo administrado, possibilitando que o bebê se conscientize quanto ao que está acontecendo com ele, propiciando que quando acontecer novamente já esteja mais suscetível a colaborar com a educadora.
- O bebê precisa ser ouvido quando o adulto está cuidando dele, inserir suas ações e seus sentimentos nas falas do adulto, possibilitando que o bebê absorva as palavras direcionadas a ele. Ressalta-se a importância desta ação com todos os bebês, com diálogo mais significativo utilizando gestos, olhares e fala, o que irá permitir que o

bebê sinta que é um participante ativo propiciando alegria para o adulto nos momentos de cuidado que se repetem durante o dia.

No que tange ao diálogo, Lopez e Guimarães (2016, p. 51) enfatizam que “se há diálogo, se o adulto conversa com o bebê nos momentos de cuidados corporais, olha nos olhos, tocando-o afetuosamente, a parceria e a autoconfiança são estabelecidas, o que permite ao bebê se perceber, assim como expressar-se de forma segura e prazerosa.

A sintonia entre a educadora e a criança, faz essa relação se tornar mais efetiva, sendo que, por meio desse envolvimento a educadora, como enfatizado por Macêdo e Dias (2006, p. 5) “é capaz de ler as múltiplas expressões das crianças, suas formas diferenciadas de comunicação e ação e intervém no sentido de acolher e envolver a criança no espaço educativo, contribuindo para o desenvolvimento integral da mesma, o que pressupõe a indissociabilidade de ambas as ações”. Complementando, Guimarães e Arenari (2018, p. 3) afirmam que “os relacionamentos das crianças com os adultos e delas entre si colocam-se como eixos das ações pedagógicas no berçário”.

Portanto, urge que ações no sentido de promoção do entendimento da importância do momento do banho na Educação Infantil sejam efetivadas a fim de que esse momento não seja mais somente de cuidado pautado meramente na limpeza do corpo, num limpar por limpar. Capacitações devem ser tidas como alternativa, o conhecimento nesse caso, precisa chegar até a educadora, para que os momentos de cuidado passem a ser entendidos da forma como devem ser, o indissociar entre o cuidado e a educação da criança devem acontecer na prática, para que, desse modo, possamos pensar uma ação em que a criança é pensada como ser ativo no seu processo de crescimento e desenvolvimento.

Nesse sentido, no que diz respeito à criança na instituição de Educação Infantil, como afirma Macedo e Dias (2006, p. 7) “é importante ressaltar que qualquer atividade que tenha como referência a criança, seja na família ou na instituição é multireferencial, implica em ações educativas e de cuidado”.

O que deve haver tanto por parte da família, dos educadores na creche ou demais adultos que são responsáveis por cuidar de um bebê, de que o cuidado não deve ser tido como uma obrigação apenas, mas como uma oportunidade de contribuir com seu desenvolvimento, para além do pensar que não entendem ou que não estão ouvindo ou prestando atenção, buscar trazê-los à compreensão, contribuir com a formação de conhecimentos a respeito de si

mesmo, dos outros a seu redor e do ambiente que o cerca. Para além do assistencialismo, considerar o momento do cuidado como também um momento de aprendizado.

Macedo e Dias (2006, p. 9) trazem um fragmento da fala de uma entrevistada, em que a compreensão do cuidar/educar, enquanto ações interdependentes, parece ficar clara, demonstrando que é possível sim aliar cuidado e educação, tanto quanto, construir nessa relação diária um vínculo que propiciará a construção de muitos outros sentimentos, complementando e engrandecendo cada vez mais as possibilidades de desenvolvimento da criança.

Então pra mim, todas as horas eu considero educativas. Eu **to** sempre... eu gosto de **tá** junto interagindo com eles pra eles saberem sempre que eu considero tudo que eles fazem importante. Ele pegar um sabonete já é alguma coisa ela tá mostrando que ali que ela tem ação, criança ativa né? Já **ta** ali... tem criança que, que vai tomar banho e fica ali bem passiva espera só que a gente limpe. Só que eu vou começando mostrar que não, que ele pode fazer o que quiser, ele pode interagir, ele pode botar o xampu na cabeça né? Pode passar o sabonete e tem uns que vão passar o sabonete e passam na cabeça, “não é no corpinho...” (MACÊDO; DIAS, 2006, p. 9)

Deste modo, a relação intencional de interação da educadora com a criança, com ciência de que o momento do banho vai além de somente ser um cuidado diário, possibilita uma interação que, juntamente com as demais atividades desenvolvidas na unidade escolar, contribui de forma significativa com o desenvolvimento de forma ampla das crianças.

4 Considerações finais

A Educação Infantil já se transformou muito ao longo dos anos, passando de instituição voltada somente ao assistencialismo, a integrar a Educação Básica do nosso país. É um segmento que necessita de muita atenção. Partindo dessa premissa, torna-se relevante que haja maior conscientização quanto à importância de real investimento no desenvolvimento integral nos primeiros anos de vida da criança, sendo que, a vivência escolar, desde a creche, deve ser entendida como um momento que pode fazer a diferença na vida das crianças.

É fato que os bebês e as crianças pequenas são encantadoras e a cada ação desenvolvida, cada aprendizado, nos surpreendem mais e mais. Nesse sentido, o presente trabalho buscou chamar a atenção para o fato do adulto, em especial a educadora, em se

tratando do contexto da Educação Infantil, mais especificamente nas creches, não somente buscar atender às necessidades físicas das crianças, de cuidado, mas também e, concomitantemente, educar, considerando-o como ser humano em formação. Isso é possível por meio da construção de uma relação harmônica e agradável, tanto para a criança quanto para o adulto responsável por seus cuidados, que deve motivá-lo, criar ou fortalecer o vínculo entre ambos, ensejando sempre estarem contribuindo para que se tornem crianças mais confiantes e mais alegres, se desenvolvendo de forma ampla.

A importância de intencionalidade por parte da educadora na hora do banho, no sentido de considerar a relevância desse momento para a criança, mais especificamente, na faixa etária de zero a dois anos, pode ser fundamentada mediante o levantamento das várias possibilidades dessa ação enquanto contribuição para o desenvolvimento das crianças em vários aspectos, dentre os quais: contribuição com o desenvolvimento da imaginação; estruturação e reconhecimento do esquema corporal e construção da noção de hábitos de cuidado com o mesmo; possibilidade de interação, independência, interiorização de regras, desenvolvimento de competências e habilidades múltiplas etc.

A consideração da abordagem de Emmi Pikler, mesmo que de forma discreta, possibilitou um ensejo em aprofundamento maior do estudo, haja vista, ao se pensar na relação educadora e criança, haver a emergência de termos como cuidado, confiança, atenção, carinho, afeto, compartilhando tais ações e sentimentos, colaborando para que o propósito de contribuir com o desenvolvimento de forma ampla das crianças possa se efetivar de fato.

A Educação Infantil é um direito da criança e cabe aos profissionais que atuam junto a essas crianças reconhecerem não somente sua responsabilidade, mas também o seu potencial, oportunizando no momento do banho, por meio de uma interação que venha para somar, o reconhecimento por parte da criança, a desenvoltura e a manifestação de seus sentimentos, conhecer outros espaços fundamentais ao seu progresso e, participando ativamente em todos os momentos como ser humano em formação, desenvolvendo-se cada dia mais.

Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE, Ana Thereza Malucelli; OLIVEIRA, Sidney Nilton. Relações entre cuidadoras e bebês: como criar vínculos e proporcionar afeto dentro dos berçários. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v.9 n2, p. 76-85. 2018. Disponível em:

file:///C:/Users/Pris_/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/11821-Texto%20do%20artigo-97304-2-10-20180703.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

ARAÚJO, Patrícia Correia. **A hora do banho na Educação Infantil**: a sutileza da fala, do olhar e do toque nos cuidados cotidianos. Coordenação Central de Extensão: Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/33100/33100.PDF>. Acesso em: 24 set. 2020.

BRASIL. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças**. 2ª. ed. – Brasília – DF: MEC, SEB, 2009. - Consulta em 28/08/2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao.htm. Acesso em: 12/08/2020.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm. Acesso em: 24/09/2020.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular – BNCC**. Brasília: MEC/SEB, 2017. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 25/08/2020.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>. Acesso em: 23/09/2020.

CARVALHO, Alysso; et al. **Saúde da Criança**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=ypdeA_vkHvkC&printsec=frontcover&dq=livro+saud e+da+crian%C3%A7a&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwiq0uagvZHsAhU6FLkGHWHKazUQ6AEwAHoECAEQAg. Acesso em: 25 set. 2020.

DAGNONI, Ana Paula. **As Rotinas No Berçário. O Banho É A Pior Hora?** UNIVALI. 2012. Disponível em: <http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/970/313>. Acesso em: 24 set. 2020.

FALK, Judit. **Educar os três primeiros anos**: a experiência Pikler Lóczy – 3ª ed. São Carlos: Pedro e João Editores, 2021.

Figura 1: Educadora e bebê no momento do banho. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/7325/um-banho-de-atencao>. Acesso em: 28/03/2021.

Figura 2: Um banho de interação. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/8291/lugar-de-bebe-e-fora-do-berco>. Acesso em: 21/03/2021.

FOCHI, Paulo Sérgio, et al. A Pedagogia dos detalhes para o trabalho com bebês na creche a partir dos pressupostos de lóczy. **Olh@res**, Guarulhos, v. 5, n. 1, p. 35-49, maio 2017. Disponível em: file:///C:/Users/Pris_/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/640-Texto%20do%20artigo-5678-1-10-20170528.pdf. Acesso em: 26 mar. 2021.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002. Disponível em: <https://docente.ifrn.edu.br/mauriciofacanha/ensino-superior/redacao-cientifica/livros/gil-a.-c.-como-elaborar-projetos-de-pesquisa.-sao-paulo-atlas-2002./view>. Acesso em: 27 ago. 2020.

GUIMARÃES, Laudicéia. Banho: Que delícia. In: ROSSETI-FERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília. (Org.) **Os Fazeres na Educação Infantil**. 9ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

GUIMARÃES, Daniela; ARENARI, Rachel. Na creche, cuidados corporais, afetividade e dialogia. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v.34, e186909, 2018. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/326662275_NA_CRECHE_CUIDADOS_CORPORAIS_AFETIVIDADE_E_DIALOGIA. Acesso em: 20 fev. 2021.

LOPEZ, Maria Emília; GUIMARÃES, Daniela. **Bebês como leitores e autores**. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. - 1.ed.- Brasília: MEC / SEB, 2016.

MACÊDO, Lenilda Cordeiro; DIAS, Adelaide Alves. O Cuidado E A Educação Enquanto Práticas Indissociáveis Na Educação Infantil. **Educação de Crianças de 0 a 6 anos / n.07**. Disponível em: <https://anped.org.br/sites/default/files/gt07-1824.pdf>. Acesso em: 21 fev. 2021.

MARANHÃO, Damaris Gomes. O cuidado com o elo entre saúde e educação. **Cad. Pesqui.** no.111 São Paulo Dec. 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742000000300006. Acesso em: 23 mar. 2021.

MARANHÃO, Damaris Gomes. **Saúde E Bem-Estar Das Crianças: Uma Meta Para Educadores Infantis Em Parceria Com Familiares E Profissionais De Saúde**. Anais Do I Seminário Nacional: Currículo Em Movimento – Perspectivas Atuais Belo Horizonte, novembro de 2010. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/docman/dezembro-2010-pdf/7157-2-5-artigo-mec-saude-bemestar-criancas-damaris/file>. Acesso em: 22 set. 2020.

MELIM, Ana Paula Gaspar; ALMEIDA, Ordália Alves. A abordagem de Emmi Pikler: olhares sobre contextos educativos para bebês e crianças pequenas. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 95-110, maio/ago. 2019. Disponível em: file:///C:/Users/Pris_/OneDrive/%C3%81rea%20de%20Trabalho/29002-118127-1-PB.pdf. Acesso em: 23 mar. 2021.

MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma. Bolhinhas de Sabão.... In: (Org.) ROSSETIFERREIRA, Maria Clotilde; MELLO, Ana Maria; VITÓRIA, Telma; GOSUEN, Adriano; CHAGURI, Ana Cecília. **Os Fazeres na Educação Infantil**. 9ª edição. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

PIRES, Adriane Regina Scaranti; MORENO, Gilmara Lupion. Rotina E Escola Infantil: Organizando O Cotidiano De Crianças De 0 A 5 Anos. **EDUCERE** – XII Congresso Nacional de Educação. PUCPR, 2015. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/15902_9267.pdf. Acesso em: 24 set. 2020.

SEBASTIANI, Márcia Teixeira. **Fundamentos teóricos e metodológicos da educação infantil**. Curitiba: IESDE, 2009. Disponível em: <https://books.google.com.br/books?id=tfXiUaArjm8C&printsec=frontcover&dq=Fundamentos+Te%C3%B3ricos+E+Metodol%C3%B3gicos+Da+Educa%C3%A7%C3%A3o+Infantil&hl=pt-BR&sa=X&ved=2ahUKEwjOtaes1ZHsAhW5E7kGHWVcCrYQ6AEwAHoECAAQAQ>. Acesso em: 24 set. 2020.

TARDOS, Anna.; SZANTO, Agnés. **O que é autonomia na primeira infância?** In: FALK, Judit. (Org.) Educar os três primeiros anos: a experiência de Lóczy. Tradução: Suely Amaral Mello. Araraquara: JM Editora, 2011. P. 29-52.

UJIE, Nájela Tavares; PIETROBON, Sandra Regina Gardacho. A prática educativa na educação infantil: organização do tempo/espaço. **REP - Revista Espaço Pedagógico**, v. 14, n. 1, Passo Fundo, p. 231-240, jan./jun. 2007. Disponível em: <http://seer.upf.br/index.php/rep/article/download/7695/4528/0>. Acesso em: 26/09/2020.